

## A JOURNEY ROUND MY SKULL – O ESCRITOR EM LUTO

Vítor Castelões Gama<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em *A Journey Round my Skull*, Frigyes Karinthy faz um relato autobiográfico de sua experiência na descoberta e tratamento de um câncer cerebral. Neste artigo demonstra-se como a escrita desta experiência auxiliou o trabalho de luto do escritor-personagem. Tendo como base as definições freudianas do luto, pode-se concluir que a possibilidade do autor confrontar na obra sua própria situação permitiu a ele alcançar mais rapidamente o estado de aceitação do luto.

**Palavras-chave:** Autobiografia; Freud; Luto

**ABSTRACT:** In *A Journey Round my Skull*, Frigyes Karinthy writes an autobiographic report of his experience in the discovery and treatment of a brain cancer. This paper shows how writing this experience aids the mourning process of the writer-character. By using the Freudian definitions of mourning we can conclude that the author's possibility of confronting within the work, his own situation, allowed him to reach the acceptance stage of mourning faster.

**Keywords:** Autobiography; Freud; Mourning

Frigyes Karinthy, o renomado escritor húngaro, estava em sua cafeteria predileta, quando começou a escutar o barulho cada vez mais alto de um trem. Estranhamente, não havia nenhuma linha próxima, então se questionou de onde viria esse som. Assim começa *A Journey Round My Skull*, um relato autobiográfico sobre a descoberta e o tratamento de um tumor cerebral. Neste artigo buscamos entender o processo de luto do escritor personagem, neste sentido argumentamos que o autor lida com a situação ao deslocar os anseios na representação do Outro por meio de um procedimento autoficcional. Ainda no início, Karinthy, talvez por conta do destino, assistiu a gravação de uma operação no cérebro pelo renomado cirurgião Harvey Cushing. Esta situação levou-o a lembrar o amigo Havas, que se tornará o objeto substituto do luto:

Veio em minha mente a memória de meu pobre amigo Havas, que morreu de um tumor cerebral aos 22 anos (Essa foi a primeira vez que soube da existência de tal doença) Eu pensei sobre seus últimos dias, suas feições distorcidas e as convulsões paralisadas de sua face quando tentava sorrir. Um calafrio desceu minha espinha, assim como me ocorreu naquela época [...] coisas assim podem acontecer aos outros, mas não a mim. (KARINTHY, 2008, p. 22-23, tradução nossa).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília, Brasil (2018). Universidade de Brasília. E-mail: [vitocasteloegama@hotmail.com](mailto:vitocasteloegama@hotmail.com)

<sup>2</sup> For there had come into my mind the memory of my poor friend Havas, who died of a tumour on the brain at twenty-two (This had been the first occasion on which I heard of such a thing) I thought of his last

Como essa não é a única vez que Havas aparecerá na narrativa, nos perguntamos a que propósito serve esta recorrência e por quê este personagem já falecido é tão importante? Embora a memória de Havas se torne recorrente, o autor inicialmente não consegue associá-la ao seu estado de saúde, embora seja estranho que uma memória desconectada retorne tão frequentemente a consciência. A memória reprimida, uma estratégia de defesa inconsciente, permitiu a Karinthy "esquecer" a dor de sua perda. O retorno se deve à negação da doença por Karinthy, pois a natureza traumática da situação não permitia compreender inteiramente a situação que o escritor se encontrava. Não apenas a perda do amigo, como os sintomas tumorais também eram assustadores, portanto, estes indícios devem ser inicialmente rejeitados pelo autor. É nesta etapa que Havas volta como instrumento para que Karinthy tome consciência de que algo está errado com ele. Karinthy, ao se olhar no espelho, percebe seu reflexo mexer, e vê suas certezas desabarem diante de si: já não consegue diferenciar realidade de alucinação. Nesse momento, o autor, escritor que é, busca na memória ou na palavra, a sua salvação:

No entanto, eu estava consciente de algo que nunca estive antes, ou então de que perdi algo com que estava acostumado desde que fiquei consciente de estar vivo, apesar de nunca ter dando muita atenção a isto. Eu não tinha nenhuma dor de cabeça, nem qualquer tipo de dor, não escutava nenhum trem, meu coração estava perfeitamente normal. Mas ainda assim... Tudo, inclusive eu, parecia ter perdido a conexão com a realidade [...] Eu não tinha certeza de eu mesmo estar ali, ou que o homem sentado lá era eu [...] Eu queria me agarrar a algo. Mas o que havia ali para se segurar? [...] A não ser que, talvez, eu pudesse achar um ponto de apoio em minha cabeça; Se eu pudesse pegar uma simples imagem ou memória, ou uma associação que ajudasse a me reconhecer. Talvez até uma palavra servisse. (KARINTHY, 2008, p. 32-33, tradução nossa).<sup>3</sup>

---

days, his distorted features and the paralysed convulsion of his face when he tried to smile. A shiver ran down my back, as it had done then [...] Such things could happen to others, but not me.

<sup>3</sup> Yet I was conscious of something I had never know before, or rather I missed something I had been accustomed to since I was first conscious of being alive, though I had never paid much heed to it. I had no headache nor pain of any kind, I heard no trains, my heart was perfectly normal. And yet... And yet everything, myself included, seemed to have lost its grip on reality [...] I did not feel certain I was there myself, or that the man sitting there was I [...] I wanted to cling on to something. But what was there to cling to? [...] Unless, perhaps, I could find one in my own head. If I could catch hold of a single image or memory or association that would help me to recognize myself. Or even a word might do.

A partir desse episódio, seus sintomas se agravam, passa a apresentar náusea, vômito, perda de equilíbrio e dificuldade para andar. Finalmente, Karinthy começa a ver sua condição com seriedade e consulta outros médicos na busca de um diagnóstico. Ao mesmo tempo, reflete sobre a atmosfera de negação que criara até então:

Eu não percebia que há tempos estava tecendo em volta de mim uma teia de dissimulação – criando aquele peculiar estado de espírito em que até os que sofrem de doenças mentais tentam negar a existência de seus sintomas em vez de se queixarem. Eu evitava todos os doutores bons, confiáveis e diretos, porque me irritava o fato deles não prestarem atenção às minhas teorias “interessantes”, ou melhor, fantásticas. (KARINTHY, 2008, p. 46, tradução nossa).<sup>4</sup>

Entretanto, a certeza vem de uma visita despretensiosa a um sanatório em companhia de sua mulher, que também é médica. Lá Karinthy observa o rosto de um paciente terminal cuja feição lembra a de Havas, mas também lembra outra pessoa que o autor não consegue definir imediatamente. Quase esquece a epifania que teve, porém, enquanto conversava com um amigo, a memória novamente clama por atenção:

Ah sim, agora me lembro. A expressão na face daquele paciente na terceira cama à direita. Mas quem poderia ser? De quem me lembrava? Quem ou o quê? [...] Naquele momento, veio à minha mente. Eu me lembrei. A face pálida e o olhar distante do moribundo me lembrou a minha própria expressão, que vi no espelho enquanto me barbeava [...] Eu disse à minha mulher: ‘Aranka, tenho um tumor cerebral’ (KARINTHY, 2008, p. 59, tradução nossa)<sup>5</sup>

Após esse insight, o autor irá se internar em um hospital para confirmar o diagnóstico. O primeiro sentimento é de culpa, uma raiva de como estava levando as coisas até então. No entanto, sua estadia no hospital não é tranquila. Karinthy que é

---

4 I did not realize that I had long been weaving around myself a web of dissimulation – creating the peculiar frame of mind in which even sufferers from mental disease try to deny the existence of their symptoms rather than complain. I avoided all the good straightforward, reliable doctor, for it annoyed me to find that they paid no attention to my ‘interesting’, or rather fantastic, theories.

5 Ah yes, I remembered now. The expression on the face of that patient in the third bed on the right. But who could it be? Whom did it remind me of? Whom or what? [...] At that moment, it had flashed into my mind. I had remembered. The pale, vacant face of the dying man reminded me of my own expression as I had seen it lately in my mirror while shaving [...] I said to my wife: ‘Aranka, I’ve got a tumour on the brain’.

uma celebridade recebe muitas visitas de amigos, colegas, fãs e da família. Os momentos que tem para refletir são curtos. E as memórias começam outra vez a se imporem. É quando Karinthy está se sentindo mais debilitado que a lembrança de Havas retorna:

No entanto, eu não podia dormir, pois uma antiga obsessão estava tomando conta de mim. Em algum lugar dentro das paredes de meu crânio um projetor de cinema começou a rodar e eu, um espectador na sala escura, vi-lo trabalhar laboriosamente. [...] Os últimos dias de meu amigo Gyula Havas eram o assunto dessa espasmódica projeção [...] A tensão incessante de ter que projetar essas imagens de novo e de novo em minha memória estava ficando insuportável. (KARINTHY, 2008, p. 98-100, tradução nossa) <sup>6</sup>

Mas porque a memória de Havas continua se impondo, se o autor já aceitou, ao menos parcialmente, que está doente? A resposta está no funcionamento do processo de luto. Segundo Freud, este consiste principalmente na retirada do vínculo emocional com uma pessoa, objeto ou abstração, em um processo chamado desinvestimento. No luto, “o exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda a libido seja retirada de suas conexões com esse objeto.” (FREUD, 2010, p. 173). No entanto, como o processo é longo e requer uma grande quantidade de energia mental, “a existência do objeto perdido se prolonga na psique. Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto perdido é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido” (FREUD, 2010, p. 174). Em outras palavras, pouco a pouco, todos os vínculos libidinais com o objeto perdido são analisados e ponderados profundamente para, enfim, poderem ser retirados e reinvestidos em outros objetos. Tammy Clewell, sumariza como se dá a relação entre luto e memória:

O processo de luto, como Freud descreve aqui, acarreta um tipo de hiperlembrança, um processo de rememoração obsessiva durante o qual o sobrevivente ressuscita a existência do outro no espaço da psique, substituindo uma ausência real com uma presença imaginária. Essa

---

<sup>6</sup> However, I could not sleep, as an old obsession was taking hold of me again. Somewhere behind the walls of my skull a cinema projector began to whirl and I, a spectator in the dark hall, watched it go laboriously to work. [...] My friend Gyula Hava's last days were the subject of this fitful shadow-play [...] The incessant strain of having to project these pictures again and again in my memory was becoming unbearable.

restauração mágica do objeto perdido permite ao enlutado avaliar o valor do relacionamento e compreender o que ele ou ela perdeu ao perder o outro. (CLEWELL, 2004, p. 44, tradução nossa).<sup>7</sup>

Dessa maneira, Karinthy reflete sobre todas as suas lembranças, buscando compreender o valor de sua vida e das relações que travou, ressuscitando o passado e os mortos: “Não poderia de vir de qualquer outro lugar, senão o passado remoto de minha juventude [...] Porém, isso não era uma memória. Parecia mais que o passado tivesse voltado a vida novamente.” (2008, p. 160, tradução nossa).<sup>8</sup> O fato da memória de Havas ser a mais recorrente não significa que a totalidade do luto enfrentado por Karinthy seja a perda precoce de seu amigo. Na verdade, é Karinthy que é o próprio objeto, como criado em autoficção. Vale ressaltar a relação com o sentimento vivenciado naquela situação, afinal, é o autor que agora está correndo um risco de morte. Considerando o paralelismo simbólico entre os casos de Havas e Karinthy, e como esse paralelismo é compreendido pelo autor em sua visita ao sanatório, é possível afirmar que o luto e a conseqüente rememoração recorrente de Havas, é também um movimento para a aceitação de sua condição de doente (“Eu sou ele e ele é o que serei”). O paralelismo não apenas serve para demonstrar que algo está errado, mas também em preparação para um futuro ruim. Como em um espelho, não é mais o reflexo de Havas que paralisa Karinthy, é a sua própria imagem, com feições distorcidas, paralisia e convulsões. O que lhe impressiona não é a lembrança do falecimento de Havas, mas a perspectiva futura de que o mesmo possa acontecer com ele. Por ser vítima da mesma doença de seu amigo, o autor percebe a morte de Havas como sendo a sua:

Que excelente, ávido e ardente gênio era o dele! Era um pensamento curioso que, na massa cinzenta do cérebro dele, ele tivesse levado para a escuridão não apenas a sua própria vida, mas a imagem que esse mesmo cérebro formou de mim, com tanto afeto e entendimento. Horrível, também, a ideia de que em sua morte algo de mim tenha morrido, e de

---

7 The work of mourning, as Freud describes it here, entails a kind of hyperremembering, a process of obsessive recollection during which the survivor resuscitates the existence of the lost other in the space of the psyche, replacing an actual absence with an imaginary presence. This magical restoration of the lost object enables the mourner to assess the value of the relationship and comprehend what he or she has lost in losing the other.

8 It could not be coming from anywhere but from the remote past of my youth [...] Yet this was no memory. It seemed rather as if the past had come to life again

uma maneira tão lamentável, tão abominável. (KARINTHY, 2008, p. 23, tradução nossa).<sup>9</sup>

Tammy Clewell, em seu estudo sobre o conceito de luto e melancolia freudiano, discorre sobre a utilidade do mesmo para a autonomia psíquica do enlutado. Com esse objetivo, cita a visão de Freud sobre os motivos para o trabalho memorialístico do luto:

O sobrevivente procura uma recuperação mágica do objeto perdido por razões egoístas. Mais especificamente, ao ressuscitar o outro na memória, o enlutado tenta recuperar uma parte de seu eu que foi projetada no outro, uma parte de seu eu necessária a construção da autoimagem do sujeito como um ser completo e autônomo. (CLEWELL, 2004, p. 47, tradução nossa).<sup>10</sup>

Essa observação pode ser entendida melhor quando relacionada ao luto causado pela perda de uma pessoa querida. Por exemplo, um casamento duradouro que chega ao fim, ou então quando um dos parceiros é acometido por uma doença terminal e vem a falecer. Pensa-se que o enlutado não sofre um risco imediato, de vida. Embora, ocasionalmente pensamentos suicidas podem ocorrer. A partir daí, para uma das partes, todos os vínculos serão analisados, pois como elucida Freud: “O luto leva o Eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo.” (FREUD, 2010, p. 192). Esse processo do luto se torna absolutamente necessário para Karinty quando agonizante chega a contemplar o suicídio. É pelo trabalho de desinvestimento que se torna possível perceber a sua independência frente ao objeto perdido. No entanto, esta situação complica-se quando o objeto a ser perdido é a própria vida. Para o autor, que passa a entretecer pensamentos suicidas, o processo é realizado com ajuda da imagem de Havas. Por isso, o superinvestimento se intensifica, e seu amigo se torna tão recorrente, mesmo sendo uma memória de 25 anos atrás. A projeção em Havas é a figura do escritor: “Aos vinte e dois anos ele foi tanto um talentoso poeta

---

9 What a fine, eager, ardent genius had been his! It was a curious thought that, in the grey matter of his brain, he had taken into darkness with him not only his own life, but the picture that same brain had formed of me, with such affection and understanding. Horrible, too, the idea that in his death something of me had died, and in a way so pitiable, so wretched.

10 The survivor seeks a magical recovery of the lost object for self-serving reasons. More specifically, by resuscitating the other in memory, the mourner attempts to reclaim a part of the self that has been projected onto the other, a part of the self necessary to the construction of the subject's self-image as a complete and autonomous being.

quanto um aficionado por minha escrita. Essa sua fixação pode ter sido uma mera autoadmiração, porque em nossas maneiras de pensar e imaginar lembramos um ao outro.” (KARINTHY, 2008, p. 98, tradução nossa).<sup>11</sup> A autoadmiração que autor acusa é a mesma que ele é culpado. Enfim, é a imagem que o autor precisa recuperar em seu processo de luto, para poder descobrir sua autonomia ou lidar com a própria morte. Uma morte que acabaria com um futuro brilhante, com inúmeros livros e peças para serem publicadas, ou o qual uma possível obra magna poderia estar perdida para sempre. Em outras palavras, a recuperação desse escritor tão admirado, e que Karinthy havia esquecido nos olhos de Havas, é necessária para que talvez em sua morte física, a imagem desse escritor sobreviva e consiga sua independência. O papel de Havas, que antes era o de reflexo do estado de saúde de Karinthy, passa a ser o de peça chave para aceitação do luto, que serve como instrumento para que o autor reveja suas relações, como tudo o que tem a perder e o que deseja dizer ou deixar para a posteridade.

Essa separação que Karinthy realiza pode ser explicada pelo que Foucault (2013) chama de desaparecimento do autor. Conceito que provém de uma famosa conferência realizada perante a Sociedade Francesa de Filosofia, e que viria a ser transcrita no texto “O que é um autor?”. Foucault, ecoando o conceito da “morte do autor” de Roland Barthes, refere-se a um desaparecimento da figura autoral, que ocorre durante o ato da escrita. Isto é, este ao escrever “morre”, apagando-se para poder exercer a “função-autor”. No entanto, tanto o conceito de Foucault quanto o conceito de Roland Barthes referem-se a uma morte simbólica, e não necessariamente a morte do corpo físico. Isto é, questionam a primazia da figura do autor, principalmente como possuidor de seu texto. Na concepção destes teóricos, o texto é uma construção conjunta com o leitor, logo, o autor é construído na leitura, pelo leitor, que também realiza uma função autoral.

No caso de Karinthy, esse desaparecimento é realizado como suporte para aceitação de seu luto, de uma morte factual. Ao separar o homem de carne e osso, Frigyes Karinthy, do Karinthy “função-autor”, este busca uma possível imortalização

---

<sup>11</sup> At twenty-two years of age he had been both a passionate and gifted poet and a blind admirer of my own writings. This prejudice may have been mere self-admiration, for in our ways of thinking and imaginative outlook we resembled one another.

literária. Dessa forma, a morte não parece mais uma situação tão ruim para quem achou a pedra filosofal na literatura. O que lhe permite dar um grande passo em direção ao estágio da aceitação. Que, após uma longa batalha emocional, finalmente chega. Porém, em um conformismo quase depressivo. É dessa maneira que o autor descreve seu estado de impotência, ao resolver apenas esperar passivamente sua cirurgia. Nesse estágio, o desinvestimento está quase completo, e a separação com o ‘eu-escritor’ quase total. Isso reflete-se em sua incapacidade de chegar a um estado de espírito lírico, de ver a vida literariamente, como sempre fez:

Eu entendi que não havia nada a fazer além de esperar e observar o que estava acontecendo comigo e à minha volta sem fazer nenhum comentário sentimental as margens. Nessa ocasião, pela primeira vez em minha vida, eu observaria não para gravar aquela visão pessoal que os artistas chamam de ‘verdade’ e que deixa de existir com o cérebro que a vê, mas pela realidade em si, que permanece realidade mesmo se não tivermos meios de comunicar sua mensagem. Nunca estive eu tão longe de um estado de espírito lírico como nesta fase, a fase mais subjetiva de minha vida. (KARINTHY, 2008, p. 185, tradução nossa).<sup>12</sup>

De forma contrária, enquanto Karinty se despedia cada vez mais de seu ‘eu-escritor’, seu cirurgião Axel Herbert Olivecrona, pupilo de Harvey Cushing, desenvolvia um processo oposto. Estava se transformando em um médico literário. Apesar de todos os esforços de Karinty em se distanciar da “literariedade” de sua vida, isso não ocorreria sem luta. Todo seu ego era “literário”, e não podia ser descartado assim. A serendipidade de ter entrado novamente em contato com a doença, justamente com um vídeo do mentor de seu cirurgião foi algo no mínimo poético:

Daqui em diante, eu deveria continuar a não usar artifícios ‘literários’, deveria deixar os fatos falarem por si mesmo, não importando o quão opaco possa parecer. Eu me atrevo a dizer que melhoraria a história e que faria as próximas páginas mais arrebatadora se eu escrevesse que o que provou ser o significado simbólico da aparência de Olivecrona em

---

<sup>12</sup> I came to understand that I had nothing to do but to await events and to observe what was going on in me and around me, without making any sentimental notes in the margin. On this occasion, for the first time in my life, I was to observe not for the sake of recording that personal vision which the artist calls ‘truth’ and which ceases to exist with the brain that perceives it, but for the sake of reality, which remains reality even if we have no means of communicating its message. Never had I been so far from a lyrical state of mind as in this, the most subjective phase of my life.

minha vida era óbvio desde o momento em que deitei debaixo do cobertor amarelo, ponderado porque senti que nos havíamos visto antes. Sim, com certeza seria muito melhor se tivesse acontecido dessa maneira. Mas não aconteceu... (KARINTHY, 2008, p. 201-202, tradução nossa)<sup>13</sup>

Esse significado simbólico só veio a tona algum tempo depois, quando Karinthy em uma conversa com um de seus amigos começa a descrever Olivecrona, e sua descrição leva seu amigo, que havia atuado em uma das peças de Karinthy, a lembrar: “vividamente de seu papel como Olson Irjö, o alter ego cirurgião do herói, e que me contou que os gestos e expressões que atribui a Olivecrona eram precisamente iguais a aquelas que usou para atuar como meu cirurgião no palco.” (KARINTHY, 2008, p. 203, tradução nossa).<sup>14</sup> Ou seja, no ápice do seu processo de luto, Karinthy revê suas relações, e inicia um processo de separação da sua auto-imagem como escritor. Tornando-se, assim, o escritor e o moribundo. Talvez por confusão mental, por um artifício deliberado pelo escritor ou por algum mecanismo inconsciente, Karinthy transforma seu médico em um médico feito de literatura, enquanto, o médico factual trabalha no corpo físico, no moribundo. No plano mental, no plano das representações, o escritor é tratado por um médico-personagem.

No entanto, essa situação não dura para sempre, mesmo porque essas representações também pereceriam. Um pouco antes da realização da cirurgia o desinvestimento está completo. Karinthy não apresenta mais um estado lírico e não vê o mundo sob as lentes de um escritor. Esses sentimentos são demonstrados poucas horas antes de sua cirurgia, quando, já praticamente cego, pondera sobre seu mundo interno. As máscaras que usava, e a reação que esboça perante essa realidade desoladora é muito diferente do que havia imaginado que seria:

---

13 Henceforth, I should continue to dispense with ‘literary’ artifice, and should let the truth speak for itself, however colourless it might seem. I dare say it would improve the story and make the following pages more effective if I were to write that what turned out to be the symbolical meaning of Olivecrona’s appearance in my life was obvious to me from the moment when I lay under the yellow blanket, wondering why I felt that we had met before. Yes, it would certainly be much better if it had happened like that. But it just didn’t...

14 vividly of his old part as Olson Irjö, the surgeon alter ego of the hero, that he told me the expression and gestures I attributed to Olivecrona were precisely the same as those with which he had acted my surgeon on the stage

Sim, eu falo comigo mesmo teatralmente – não preciso ter medo dizer – usando gestos dramáticos, como se estivesse em um palco. Parece absurdo, mas, ainda assim, é verdade que minha persona de imprudência e cinismo, até meu comportamento, imperturbável e animado, se tornavam possíveis por causa dessa atuação interior. Eu nunca acreditei nela, e, em meus momentos de lucidez, me envergonhava de tudo. Porém, sem elas, provavelmente teria morrido a muito tempo. Este teatro secreto fez ser possível para mim suportar a vida. Aquela tarde eu não conseguia mais achar meu palco. Procurei em vão, em meu coração pelas palavras bonitas e imagens arrebatadoras. Num momento de depressão como este eu sempre tive a esperança de que o palco se encheria de luz, cor e música para me compensar pela visão que estava perdendo. Eu esperava que, depois de tantos anos de luta e sofrimento, a cortina subiria e pela primeira e última vez o público veria o ator. (KARINTHY, 2008, p. 208-209, tradução nossa).<sup>15</sup>

Essa separação é tão completa que as memórias de sua cirurgia são relatadas de uma maneira distanciada. Que chega ao ponto de ser expressa em uma experiência fora do corpo, real ou não. “A alucinação consistia em minha mente aparentemente se mover livremente pela sala. Havia apenas uma luz, que batia uniformemente na mesa. Olivecrona (ou poderia possivelmente ter sido eu mesmo) parecia estar inclinado para frente” (KARINTHY, 2008, p. 241, tradução nossa).<sup>16</sup> É nessa situação fantástica que Karinthy vê sua cirurgia sendo realizada como uma experiência fora do corpo. Após a cirurgia, Karinthy percebe que sua noção de tempo e espaço estava abalada, os 12 dias que acreditava ter passado deitado em sua cama no pós-operatório, foram, na verdade, poucas horas. Estava em estado tão confuso, que não sabia se a operação havia sido um sucesso ou não, não conseguindo distinguir sonho de realidade. Entretanto, quando escuta alguma pessoa distante tocando Für Elise de Beethoven, Karinthy se pergunta:

---

15 Yes, I talk to myself theatrically – you needn't be afraid of saying it – using dramatic gestures, as if I were on the stage. It seemed absurd, and yet it was true that my outward carelessness and cynicism, even my cheery, imperturbable manner, have been made possible by these inner theatricals. I have never believed in them, and, in my lucid moments, I am ashamed of the whole thing. Yet without them I should probably have gone under long ago. This secret theater has made it possible for me to bear with life [...] That afternoon I could find my stage no longer. I looked in vain, in my heart for the fine words and the taking images. At a moment of depression such as this I had always hoped that the stage would fill with light and colour and music to compensate me for the bright vision I was losing. I had hoped that, after so many years of struggling and suffering, the curtain would go up and that for the first and last time the Public would see the Actor

16 The hallucination consisted in my mind seeming to move freely about the room. There was only a single light, which fell evenly on the table. Olivecrona (or it might possibly have been myself) seemed to be leaning forward

Eu não sabia que haviam tais coisas em hospitais, mas talvez tenho sido colocada lá em benefício dos pacientes, já que a música pode ter se provado benéfica para aqueles com crânios trefinados.... A melodia vinha a mim de uma maneira muito leve, eu conseguia ouvir apenas as vibrações das cordas. O bater das teclas não chegava tão longe. Sentindo-me incrédulo percebi que todo meu ressentimento e depressão pareciam ter desaparecido. Minha mente estava leve e clara mais uma vez, e senti um cansaço intenso como aqueles que sentimos quando a mente permite-se relaxar após uma tarefa completa. Eu me embriaguei na música como um recém-nascido dando sua primeira respirada, intoxicado e um pouco envergonhado por tal excesso de júbilo. Seria possível, sussurrei – Seria possível que eu ainda estava vivo? Beethoven estava morto, mas eu continuaria vivo... Devagar as lágrimas começam a descer minha garganta e cair nos lençóis a minha frente. (KARINTHY, 2008, p. 265-266, tradução nossa).<sup>17</sup>

Porém, ainda encontra-se em um estado ambíguo, misto de depressão e esperança. O homem que momentos atrás estava pronto para morrer, descobre que viverá. Mas como viverá? Poderia vestir novamente uma máscara? Conversando com sua sobrinha Nini, que viera lhe visitar, Karinthy tenta explicar seu estado confuso:

Ou me sinto ainda atordoado, como um naufrago para qual as ondas ofereceram alguns anos restantes de vida? [...] Você parece surpresa, Nini, pela maneira casual que aparento falar de mim como um naufrago justamente quando minha vida acaba de ser salva. No entanto, não é ingratidão que me faz olhar esta ilha deserta e ver, que por mim, deverá continuar solitária e desolada [...] Me deixe recobrar minha linha de raciocínio por um momento... ela ainda costuma se embaralhar [...]. (KARINTHY, 2008, p. 284-285, tradução nossa).<sup>18</sup>

Com a metáfora de um naufrágio, Karinthy discorre sobre seu estado após a

---

17 I did not know there was such a thing in the hospital, but perhaps it had been put there for the benefit of the patients, as music may have proved beneficial to those with trephined skulls.... The melody was borne very softly in to me, and I could hear only the vibrations of the wires. The striking of the keys not reach so far. With a feeling of incredulity I noticed that all my resentment and depression seemed to have vanished. My head was clear and light once more, and I felt an intense weariness such as only the mind can know when its task is over [...] I drank in the music like a new-born babe taking his first breath of air, intoxicated and a little ashamed by such an excess of joy. Was it possible, I whispered – was it possible that I was still alive? Beethoven was dead, but I was to go on living.... Slowly the tears began to run down my throat and on to the sheet in front of me.

18 Or do I still feel dazed, like a shipwrecked man to whom a wave has offered the bounty of life's remaining years? [...] You look surprised, Nini, by the casual way I seem to be talking of myself as a shipwrecked man at the moment when my life has been saved. Yet it is not ingratitude which causes me to look round at this arid island and to see that, as far as I am concerned, it must remain lonely and desolate [...] Just let me collect my thoughts for a moment... They're still apt to go wool-gathering you know [...]

cirurgia. Depois de um longo processo de luto, em que o autor finalmente aceitou as possibilidades futuras, o quão sombrias fossem, e que ofereceu sua imagem à posteridade, se vê vivo e curado, mas atordoado. Ele não acredita estar completo, ou ter voltado a ser como era antes. Não sabe se vai conseguir voltar a escrever e se seu cérebro vai ser o mesmo, se pode a imagem do escritor retomar ao seu corpo? Sabe apenas que é da forma que se encontra naquele momento que teria de recomeçar sua vida, com o mínimo possível: “Quando aconteceu, o naufrágio me deixou vivo. Me jogou na costa com o aviso de que o que havia de esperar para agora, não era mais o máximo, mas o mínimo, com o que poderia começar minha novamente.” (KARINTHY, 2008, p. 286, tradução nossa).<sup>19</sup> No final das contas, o que realmente importa é saber se tenho capacidade de me reerguer?

Bem, Nini, tudo isso está acabado. Não há mais uma bela bagagem – os cristais coloridos, as joias brilhantes [...] Isto não pode parecer nada além de uma ilha árida para mim. Você se pergunta por que estou num estado de espírito tão confuso apesar de tudo? Eu me pergunto se você entende que quando digo isto, que, no fundo do meu coração, eu sempre senti que cada um de nós estava sozinho e abandonado. O que realmente precisamos saber não é se o nosso navio trará sua riqueza com segurança ao porto, mas, se a tempestade que o destruirá nos reservará uma tábua dos destroços para que possamos nos apoiar. (KARINTHY, 2008, p. 285-286, tradução nossa)

E pensa como as coisas poderiam ter sido diferentes, o quão afortunado é por continuar vivo: “Eu poderia ter sido assassinado, como muitos outros, mas os únicos ossos que me foram quebrados, foram aqueles que permitiram que as forças destrutivas fossem tiradas de minha cabeça e minha pele, para ser curado” (KARINTHY, 2008, p.287, tradução nossa).<sup>20</sup> Portanto, agora que foi curado, deve agradecer que pode finalmente voltar a sonhar, e imaginar um futuro. “Eu vejo agora que não há sentido em reclamar da injustiça do homem ou a crueldade do destino [...] O horizonte abriu-se ante os meus olhos em toda sua imensidade. E agora, ao quarenta e sete anos de idade, eu me preparo para minha primeira viagem marítima.” (KARINTHY, 2008, p.287-288,

---

19 When it came, the wreck left me alive. It flung me on to the coast with a warning that what I had to look forward to now was no longer the maximum but the minimum with which I could begin my life afresh

20 I might have been murdered, like so many others, but the only bones that were broken to me were those which allowed the forces of destruction to be taken from my head, and my skin to be made whole

tradução nossa).<sup>21</sup> Seja esta uma viagem marítima simbólica, em que o naufrago admite não mais temer o acaso e cuja viagem simboliza a nova vida, ou uma verdadeira viagem marítima, “A Journey Round My Skull” demonstra um poderoso relato da intimidade de alguém quando confrontado por uma grave doença. Todavia, Karinthy possui algumas vantagens que outras pessoas na mesma posição não possuem. Isto é, a possibilidade de expressar suas angústias por meio da escrita, o que o auxilia no processo de aceitação da doença. Assim como a capacidade de deixar algo de si para a posteridade. Nesse luto, o autor separou sua imagem em duas, a do escritor e a do homem, e nessa separação enfrentou a morte. Uma batalha, que se perdida, por um lado, foi ganha por outro, ao garantir uma imortalidade estética ao Karinthy literário, ao Karinthy feito de linguagem. Karinthy morreu de uma hemorragia cerebral no verão de 1938, um ano após seu relato autobiográfico ser publicado. Alguns anos depois, sua esposa Aranka morreria em Auschwitz. Já seu cirurgião, Olivecrona, morreu de velhice, em 1980 (BISHOP, 1994, p.4).

---

<sup>21</sup> I see now that there is little point in crying out against the injustice of man or the cruelty of fate (...) The horizon opened before me in all its immensity. And so, at the age of forty-seven, I set out upon my first sea voyage

## REFERÊNCIAS

BISHOP, MGH: “The genius of disease: A journey round my skull – Frigyes Karinthy” in: Journal of the royal society of medicine, vol 87, 01/1994

CLEWELL, Tammy. Mourning beyond melancholia: Freud’s psychoanalysis of loss. In: Journal of the American Psychoanalytic Association, vol.52, n.1, 03/2004, P.43-67

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourador Barbosa. 3a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p.268-302.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, S. A negação. São Paulo, Cosac Naify, 2014.

KARINTHY, Frigyes. A journey round my skull. Nova Iorque: New York Review Books, 2008